

TORRES VEDRAS

“ESTOU TRISTE E NÃO QUERO BRINCAR”, FOI O TEMA DESTA SESSÃO DAS CONVERSAS COM PAIS

A depressão infantil

MARINA REI TOVAR

geral@frenteoeste.com

“**E**stou triste e não quero brincar – A depressão infantil”, foi o tema escolhido para as “Conversas com pais”, que se realizou no dia 9 de Maio (sexta-feira), nos Paços do Concelho. Perante uma assistência atenta, Patrícia Roseiro, psicóloga clínica, deu a conhecer o percurso para uma depressão infantil utilizando, na sua apresentação, uma “criança” que explicava o que ia sentindo ao longo do seu percurso. “A questão da tristeza e de outros sentimentos e emoções, que muitas vezes não são compreendidas, podem levar à depressão infantil”, referiu a psicóloga.

A “confirmação do amor dos pais pelos filhos e a valorização constante” são dois pontos fundamentais que os pais devem ter em conta ao longo do crescimento dos seus filhos. Essa confirmação do amor pode ser sentida quando “os pais se mostram orgulhosos com as iniciativas que os filhos tomam, com as brincadeiras que inven-



DEPRESSÃO: Emoções que não são compreendidas podem levar à doença

tam” e quando “mostram, por acções e palavras, o quanto gostam dos filhos e sentem orgulho naquilo que são enquanto pessoas”, frisou Patrícia Roseiro. Acrescentando que as crianças sentem-se valorizadas quando os pais, “ao invés de resolverem por elas os problemas e de tomarem decisões por elas, optam por se sentar com as crianças e conversar sobre os problemas e ten-

tar resolvê-los em conjunto”. Segundo a psicóloga as crianças sentem-se valorizadas, também, “quando os pais dão importância às coisas bem feitas, como quando as fazem mal, tentando compreender e rectificar”.

Mas para que a criança, jovem ou adolescente, não entre em depressão é preciso tomar atenção a certos sinais. No período da infância os sintomas po-

dem ser: “abatimento; expressão facial triste; indiferença ao meio; apatia; diminuição da curiosidade; auto-estimulação, quando a criança tem movimentos repetitivos; condutas auto-agressivas; atraso nas aquisições motoras; atraso na linguagem; e distúrbios psicossomáticos, como dificuldades em comer, distúrbios gastrointestinais, perturbações dermatológicas, perturbações respira-

tórias, entre outras”. Na idade escolar, os sinais podem ser: “surgimento de dores, como dores de cabeça, quer de dores abdominais; diminuição do prazer em brincar, em ir à escola, sem que nada em concreto tivesse acontecido; dificuldade na aquisição das competências sociais próprias da idade; maior ansiedade, mesmo perante situações conhecidas; fobia; e irritabilidade”. Na adolescência, os sintomas podem ser revelados por: “irritabilidade; humor reprimido, o jovem pode parecer mais negativo, mais pessimista e parecer mais triste; desmotivação; desinteresse; sentimento de culpa; dificuldade de concentração; e baixa de auto-estima”, enumerou Patrícia Roseiro.

Segundo a psicóloga, qualquer um destes sintomas “por si só, podem não representar nada”, mas deve-se tomar atenção e se “perdurarem mais de três semanas, sem alguma alteração”, pode ser sinal de uma depressão. Sendo necessária a procura de ajuda “perto de técnicos especializados, para ajudar a compreender a situação e os sentimentos que estavam por detrás desses comportamentos”.

TORRES VEDRAS

MINISTRA DA SAÚDE DECIDIU FECHAR PROCESSO DE REESTRUTURAÇÃO DA REDE DAS MATERNIDADES

Maternidade não fecha

FLÁVIA CALÇADA

flavia.calçada@frenteoeste.com

A maternidade do Hospital Distrital de Torres Vedras e todas as que existem no país vão manter-se abertas, garantiu a ministra da Saúde, Ana Jorge, durante uma audiência parlamentar, realizada na última semana.

A governante anunciou que deu por encerrado o processo de fecho dos blocos de partos, alegando falta de alternativas para substituir as maternidades que corriam o risco de encerrar, por não realizarem

1500 partos por ano, requisito de qualidade considerado mínimo.

“O que tem é que se criar condições aos profissionais de saúde para que façam estágios regulares noutras entidades”, avançou Ana Jorge, para quem o número mínimo de partos não deve ser o único critério a considerar na reestruturação da rede de blocos de partos existentes no país. “Na avaliação têm que entrar critérios de racionalização e qualidade”, disse.

A distância dos utentes em relação ao seu hospital de referência terá pesado na decisão da governante.

A maternidade de Torres Vedras é uma das existentes no país onde a média de nascimentos não chega aos 1500 por ano. Por isso o seu encerramento, após a entrada em funcionamento do futuro Hospital de Loures” foi equacionado no estudo de dimensionamento hospitalar para a área da Estremadura/Oeste, coordenado pelo ex-ministro Daniel Bessa e já revelado pelo FrenteOeste.

Em 2006, um estudo da Comissão Nacional de Saúde Materna e Neo-Natal apontava também para o fecho deste bloco de partos.



SAÚDE: Ana Jorge desvaloriza critério dos 1500 partos